

Ficções do caminhar: “Os amigos que desconheço” e o aprendizado da queda

Artur Dória¹

1. Ficções do apocalipse²

22

Muitos concebem sua presença, sempre uma presença vindoura, adiante, espécie de aterrissagem extraterrestre, catástrofe inevitável, evento abrupto, como um acontecimento tão grande quanto genérico que desafiaria a capacidade de sobrevivência da humanidade. A sede que vigora esse cenário não introduziria, então, uma angústia permanente, uma convivência ruidosa, capaz de capturar nossa atenção colocando-a em constante ataque?

A gritaria do apocalipse tal como é alardeado acaba sempre por reiterar um costumeiro fracasso, visto que nunca se concretiza de fato. Sua força nunca é capaz de nos arrasar o suficiente e seu impacto, se há impacto, não tem abrangência; pôde ser superado, estávamos preparados, conseguimos nos adaptar. Passamos por mais um, vencemos outra uma vez. Alívio. A humanidade permanece e isso fortalecerá a sua união.

Deste ponto de vista, não parece que o apocalipse esteja colocado de modo correto, ou pelo menos, há um deslocamento de sua compreensão, aparecendo quase como um fetiche que documenta a própria condição que

¹ Artur Dória é artista-pesquisador doutorando em artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte (ICA) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

² Estamos nos referindo ao termo “apocalipse” como um termo distinto em relação ao de “fim do mundo”. Nesse entendimento, o que está em jogo é uma ficção de poder, uma ficção imposta e controlada, preocupada em organizar ou desorganizar determinado segmento da sociedade. O Apocalipse como um estado de crise permanente, um fio condutor para esclarecer a ordem do dia, um slogan do contemporâneo, um objeto de produção e consumo. Uma qualidade rebaixada, um tipo reativo de produzir discurso sobre o fim do mundo.

estrutura e dignifica a sociedade. Sua percepção imediata atraca na imagem pixelada de um reset enjoado, abrupto, que descamba na oportunidade alvissareira de começar tudo de novo, de reconstruir a civilização (tal qual a conhecemos), de torná-la possível novamente, de provar sua resiliência, sua capacidade de nunca desistir, ou seja, o apocalipse parece prover em seu limite – ou na sua plenitude – uma boa nova que já nasce velha: a de que a vida que vivemos é indestrutível, mas claro, para que isso seja possível, devemos estar sempre aptos a defendê-la.

O deslocamento reside em um ponto univocamente desconsiderado: a impossibilidade “pós-apocalipse” de continuar vivendo como outrora. É precisamente esta, a miopia tacanha produzida: o apocalipse tem menos relação com o que está por vir do que com certo modo de mobilizar determinados afetos a partir das experiências do sujeito³, e nesse caso, o que se deseja conservar em meio a uma vida em pleno processo de degradação?

Mas será possível dizer que a noção de apocalipse se constitui, sob esta perspectiva reativa, em uma ameaça real a determinado modo de vida, ainda que uma “vida” dedicada a produzir a morte? Não e sim. “Não”, porque sua prerrogativa é precisamente encobrir a catástrofe de uma civilização que já não pode mais se sustentar – de certo modo, uma civilização que nunca se concretizou, porque isso seria atestar seu próprio limite – senão por prolongamentos sem fim de ficções que se dedicam e reproduzi-la e atualizá-la. Ficções que servem, sobretudo, para conservar o apocalipse que é o ocidente/mundo colonial moderno. A solução é recorrer a um terror maior afim de nunca deixar vaziar o terror real. Deste modo, se assemelha a um game over travado em que o jogo continua e te força a continuar depois de morto, nada de começar de novo, uma vida sobrevida, espécie de vida após a morte: morto-vivo. Não é de espantar, portanto, que “se realmente há uma coisa destinada a não ser concretizada é a profecia apocalíptica, seja ela econômica, climática, terrorista ou nuclear. Ela só é enunciada para convocar os meios de a afastar, o que quase sempre significa a necessidade de governo” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 41). O

³ “É na experiência do sujeito que se constituem os hábitos, os quais imprimem uma organização no espaço (concreto) e no tempo (cronológico) em nossa cotidianidade e nos proporcionam uma sensação de familiaridade” (ROLNIK, 2018, p.110).

apocalipse, nesse sentido, nada mais é do que uma ficção de poder de fluxo contínuo a interceptar nossa conexão com o mundo. Um sufocamento co-criado sob um estado permanente que precipita a sua própria condição de adiamento, um apocalipse entre tantos que parece nunca se constituir com a força com que desejamos. Esperemos o próximo, ele virá; e muito bem administrado na dose, por sinal.

E “sim”, porque o fato é precisamente esse: não se trata de professar o apocalipse e de imaginar as possibilidades para melhor passar por ele, aprender a prevê-lo e agir conforme as instruções fornecidas por algum órgão competente. O apocalipse em promoção estará sempre atrasado, obsoleto, vencido e novamente adiado. A questão é assumir o apocalipse que já está, o apocalipse que somos (COMITÊ INVISÍVEL, 2016), é partir desde o apocalipse que é uma civilização em farrapos e sua obsessão perversa em produzir apocalipses. Aprender a alcançar o apocalipse, fazer o emparelhamento, a aproximação, e com isso diminuir a carga moral que sua transcendência vem impondo sobre nós. Trata-se, em última medida, de fazer ver os fins que se foram (e esquecidos), os fins que estão em curso e os fins que ainda virão.

24

Não mais a espera sem fim do fim capaz de animar sob o afeto mais baixo e de modo transitivo uma vida completamente desconectada do mundo, e sim a afirmação capaz de perceber que não estamos e nunca estivemos descolados do apocalipse. A humanidade conviveu diversas vezes ao longo de muitos milênios com eventos extremos. Nosso corpo, a bem dizer, fora moldado pelo apocalipse. A novidade catastrófica, por ironia, é a interiorização globalizada – ou a modernização desenfreada – da catástrofe: aquilo que, no plano hegemônico, se consolidou como “Humano” se tornou um evento extremo.

Essa percepção, por sua vez, formula uma ameaça, mas não se interessa em fazer vínculo a ela, não é questão de hierarquia, tudo se passa através compreensão das responsabilidades, das falhas e dos desvios: todo ato implica consequências, algumas tão graves que podem desencadear, precisamente, o fim do mundo. A possibilidade do fim sempre esteve presente na imaginação que funda as diversas comunidades humanas. Nada é tão velho quanto o “fim do mundo”, a saber, e nesse sentido, porque não, é

possível dizer que o “fim do mundo” tem sido, na curta história das humanidades – e na história dos mundos – o evento mais comum que se tenha registrado. Isso nos conduz a uma clara noção de que o “fim do mundo” não é exclusivo e de modo algum pode ser compreendido desde uma perspectiva única, o que confere a obrigação de “abolir a ideia de um fim universal de mundo que produz e é produzido pela ideia de uma humanidade dominante” (NATÁLIO, 2016, p. 05).

O apocalipse efetua um movimento reverso, é um ataque coordenado. Do horizonte nebuloso de onde é anunciado, coloniza e sequestra o imaginário na vontade de submetê-lo a seu reinado de terror. Ao se apegar a todas as formas possíveis de vislumbrar a degradação do mundo, seu pensamento se revigora através da morte. A ideia de sobrevivência é a penúria cristã que empodera o sujeito despossuído de sua condição de vitalidade com a terra: não existe um corpo coletivo, um povo a lamentar, são os fundamentos da civilização que importam; no fim, é pouco caso que muitos tenham padecido e de que modo, a questão crucial é propagar a salvaguarda da proclamada “humanidade”, entendida como única.

25

O que, no entanto, leva a subjetividade à crença nessa miragem é o medo de que a dissolução do mundo estabelecido carregue consigo sua própria dissolução. É que, sendo o sujeito estruturado na cartografia cultural que lhe dá sua forma e nela se espelha como se fosse o único mundo possível, da perspectiva desse tipo de subjetividade reduzida ao sujeito e que com ele se confunde, o desmoronamento de “um mundo” é interpretado como sinal do fim “do mundo”, bem como de seu suposto “si mesmo”. (ROLNIK, 2018, p. 66)

Dá-se, então, o apego virulento às formas de vidas existentes como fossem mercadorias, objetos de consumo. A ação se movimenta de acordo com uma dada interpretação de acordo com certo repertório do sujeito frente ao desassossego/desconforto que seja capaz de fornecer uma culpa. O mundo só vai ofertar um retorno possível, imagens de si mesmo, remodeladas (o mais novo modelo), modernizadas, repaginadas, atualizadas; a configuração em permanência que faça conta de recompor aquilo que já existe.

A imaginação vê-se sequestrada, condenada a viciar-se em si mesma, volteando-se a imaginar o mundo e o seu sem fim – o mundo dá voltas – em seu enfadonho desdobramento cíclico, interminável, jogo de posições e

modos de organização e controle. Paradoxalmente, o único fim a que a imaginação é permitida agir é sobre o sem fim do mundo, mesmo que para isso, seja necessário precaver-se deste suposto fim.

A lógica dominante que organiza essa ficção de mundo é a negação de tudo o que não faz parte do humano, os não-humanos, mas também as outras humanidades, os humanos não humanos⁴. Dentro do “humano” não se poderá imaginar nada além, é a sua instância última, tem sido desde muito. Adiar a crença no fim do mundo (ao invés de adiar o fim do mundo), sob esta perspectiva perdulária de conquista, é conservar indefinidamente a humanidade, sendo essa a sua condição fundamental, não apenas prover a destruição massiva de outros mundos, mas a de submetê-los a participar da destruição deste. A negação é o recurso moral por excelência, é a “antipolítica”, como aponta a artista e pesquisadora portuguesa Rita Natálio (2016); é o valor totalizante que tende a tudo conformar, de fazer coincidir tudo a sua imagem e semelhança, o processo civilizador de trazer para o outro lado: “isso não é nada, nosso apocalipse é maior e melhor”, parecem dizer.

26

Há que se pensar nisso também como uma política que prega um modelo restrito e racista de humanidade, sempre constituída partir da dispersão da vida (diáspora) e que se alimenta juntamente com um imaginário que empobrece o mundo e dos modos de fazer e refazer o mundo, cada um vivendo por si e contra o outro, e assim, a possibilidade de viver ou morrer é sempre lançada nos moldes do estado de exceção: “o ‘excepcionalismo’ humano é um *autêntico estado de exceção ontológico* fundado na separação autofundante entre Natureza e História” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p.43, grifos dos autores). Nós nos tornamos completamente alheios ao planeta: invadimos a nós mesmos e foi assim que

[...] transfigurado monstruosamente em Homem, Deus tornou-se o agente por excelência do estado de exceção/extinção que chamamos hoje de Antropoceno, que jamais teria sido metafisicamente possível sem a grande instauração,

⁴ A ideia de “humano” está atrelada a exclusão das possibilidades de existir de outro modo, um especismo, portanto. O humano em sua formulação iluminista característica, narra sempre a impossibilidade e a insuficiência do outro. Para falar de si, é preciso produzir o outro para, em seguida, suprimi-lo.

peculiarmente sobrenatural, da divisão moderna entre natureza e cultura⁵.

Fica expresso, portanto, que a “humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos” (KRENAK, 2019, p.26-27). É possível uma medida de prazer, mas não tanto. Que isso implica? O prazer a que o líder e pensador indígena Ailton Krenak se referiu é a livre expressão dos modos de vida, é o prazer que reverbera no outro e pelo outro, que faz tecido com a alteridade.

Em uma época em que a exuberância maníaca e a depressão melancólica parecem disputar o leme do psiquismo coletivo, todo discurso sobre o fim do mundo suscita um discurso inverso que apregoa a perenidade humana, sua capacidade de superação e de sublimação, e tende a tomar qualquer menção a ideias de declínio ou fim como irreais, fantasiosas, supersticiosas mesmo. (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p.45).

27

O consumo voraz e interminável por ficções apocalípticas parece conceber o tempo em vivemos sob um eterno estado de suspensão. Estamos à beira ou estamos caindo? O que devemos esperar? Essa dúvida que corrói o pensamento é o labirinto desejável do trauma do ocidente: somos forçados acreditar que vivemos o melhor dos mundos ou que pelo menos é esse o único mundo que nos resta perseguir e sustentar.

Por causa da atual atrofia da imaginação utópica, o espírito do nosso tempo foi colonizado por imaginários apocalípticos e narrativas de desastres cataclísmicos e futuros desconhecidos. Mas que política as visões do apocalipse e da catástrofe engendram, se não uma política da separação, em vez de uma política da humanidade, de espécies começando a existir plenamente? (MBEMBE, 2019)

Ailton Krenak propõe que ao invés de nos esforçamos para adiar a queda, que comecemos de fato a cair. Na verdade, diz ele, nunca deixamos de cair, tudo que viemos fazendo, desde então, é cair. Estamos caindo neste momento. A ideia “para adiar o fim do mundo”, segundo ele, é inventar modos de bem fazer a queda: paraquedas coloridos, por exemplo. Caminhar, sugerimos.

⁵ Marco Antônio Valentim em entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos Online. Disponível em: <https://bitlybr.com/89ndC> Acesso em: 13 nov. 2019.

2. Estranhas alianças: aprender a habitar a barriga do monstro?

A química/filósofa belga Isabelle Stengers (2015) no livro *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*, faz o exercício de nomear Gaia, mais precisamente a sua intrusão neste mundo, a intrusão a qual, diz ela, devemos responder. Gaia seria uma forma maior de transcendência, o “desconhecido maior”, organismo altamente suscetível formado por agenciamentos e relações de forças que regulam e mantêm coesos os processos e as atividades planetárias, algo como um “planeta vivo” ou “planeta-mãe”. A intrusão Gaia não é senão uma resposta por ela mesma. Gaia fora acordada, regurgitada de si mesma, se insurge e se impõe. Não que esteja ameaçada, mas intimamente aviltada, vilipendiada, se levanta frente a um intolerável – não mais, ela vocifera! – seus limites, suas permissões, foram ultrapassados, tornados intoleráveis. Sua intrusão, dada essa violência, não se presta a interrogações ou esclarecimentos; Gaia é implacável, ser cego a qualquer demanda, sua presença não é localizável, sua ameaça não faz discernimentos; “veio para ficar”, e todos, em alguma medida, seremos atingidos; uns mais do que outros, é claro. Gaia instaura uma urgência sombria, sua presença é a lembrança permanente de que “o tempo das garantias acabou” (STENGERS, 2015, p.97).

28

Nomear Gaia, diz Stengers, é nomear algo que seja capaz de reativar nossa imaginação, cabendo a nós aprender a compor com “Ela” dada a impossibilidade de combater sua intrusão, o que impõe uma necessidade vital e vitalícia de pensar processos de criação que nos permitam forjar possíveis, outros mundos em que seja possível caminhar – e talvez tenhamos que lidar com o fato de que estejamos indo em direção a mundos em que só seja possível caminhar – ainda que, de agora em diante, sempre expostos, mas não de qualquer modo (e não de todos os modos), a um perigo onipresente: “qualquer criação deve incorporar o saber de que ela não se arrisca em um mundo amigo, e sim em um meio doentio” (STENGERS, 2015, p. 98, grifos da autora).

Stengers alerta, entretanto, que a luta não é em relação à Gaia, mas contra o que provocou Gaia, e que, ao que tudo indica, continuará provocando. Precisamos “criar uma maneira de responder, por nós, mas

também pelas inúmeras espécies vivas que levamos conosco para a catástrofe” (STENGERS, 2015, p. 34-35). Ela admite ainda que toda e qualquer resposta será insuficiente em si mesma dada às vulnerabilidades colocadas pela própria grandiosidade do evento, o que não significa que se tratem de ações inócuas, ainda que mínimas e substancialmente parciais: “serão vulneráveis as dinâmicas da criação de saberes, lutas e experiências que darão resposta a intrusão – cada uma insuficiente em si mesma, mas importante por suas eventuais repercussões, uma vez que pode suscitar outras criações” (STENGERS, 2015, p.98).

29

Encontrar amigos e tecer alianças, estabelecer vínculos e relações, nada disso, diante dessa insurgência cósmica e seu potencial de devastação, está entregue a ordem do corriqueiro ou do acaso, não é uma emanção capaz de promover garantias sociais. Novos contratos devem ser firmados, contratos com datas de validade, chegadas e pontos de interrogação, sem a pretensão doméstica de mantê-los a qualquer custo. Nós somos a indigestão de Gaia.

O presumido caráter imagético que perfaz familiaridades, afinidades, conveniência e identitarismos, assume feições pérfidas, submersas por tudo aquilo que já não poderemos mais no ater. Essa manifestação reminiscente, de algo que resistiria ainda, como um residual e insistente desejo rancoroso de se aferrar a algo que fosse capaz de resgatar o mundo (a vida como uma cultura sólida e estável) e promover a tão proclamada unificação, o último sustentáculo de esperança que permitisse voltar a uma “vida normal”, não é senão como creditar as velhas ideias de superação e independência. Gaia trabalha sozinha em sua própria recomposição; será que não deveríamos começar a fazer o mesmo?

A bióloga/filósofa norte-americana Donna Haraway (2014) nos diz de um aprendizado que permitisse “habitar a barriga do monstro”⁶. O bizarro, o inusitado, a extravagância, a ebulição do estranho enquanto

⁶ Em entrevista concedida a Eduardo Viveiros de Castro e Juliana Fausto no Colóquio Os Mil Nomes de Gaia, em 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1x0oxUHOIA8> Acesso em: 13 jan. 2020

simbiose oxigenam outras densidades de pensamento fazendo-nos mover pelas vísceras da criatura-catástrofe. O que se revela, imediato, como uma Guerra em Gaia, até porque Gaia em si não está em guerra; nosso tempo, por sua vez, é Gaia. Insinua-se assim a inesperada e perturbadora incumbência de se pensar – mais do que os amigos – os inimigos (para chegar aos amigos-aliados, companheiros de trincheira), tomando como princípio a reversão da lógica do enfrentamento que se perfaz pela força. Gaia, a sua intrusão, coloca a difícil questão de negociar com o inegociável ou por outro lado, negociar o que é inegociável – nossa existência e permanência no planeta? O impossível que abrange a capacidade de luta é a envergadura de nossa fragilidade ante o inominável que, de outro modo, se torna possível a partir de um processo que faz retomar o pouco do que ainda resta e enquanto restar, caminhando em direção à outra coisa neste mundo. É preciso fazer parentescos (“faça parentes e não bebês”, sugere Haraway) e produzir novas maneiras de viver e morrer, entregando-se a simbiose que constitui vida.

30

Meu propósito é fazer com que “parente” signifique algo diferente, mais do que entidades ligadas por ancestralidade ou genealogia. O movimento suave de desfamiliarização pode parecer, por um momento, um erro, mas depois (com sorte) aparecerá sempre como correto. Fazer parentes é fazer pessoas, não necessariamente como indivíduos ou como seres humanos. (HARAWAY, 2016, p.04).

3. O caminhar como um aprendizado menor da “queda”

O filósofo Marco Antônio Valentim tomando parte com o pensamento do xamã Davi Kopenawa Yanomami sinaliza uma mudança crucial no espírito de nosso tempo, segundo ele, vivemos o tempo das metamorfoses⁷ e estas, a nossa revelia, estão proliferando, aceleradas, eufóricas, sob diversos regimes de qualidade, e por todas as partes. Nesse sentido, ele aponta que “o caminho da criação é o caminho da metamorfose”. Isso implicaria, desde já, um aprendizado – e também um esquecimento – que se pusesse a disposição de um pensamento que dedicasse a experimentar passagens, um pensamento

⁷ Em entrevista ao Podcast Filosofia Pop #065 Extramundandade e Sobrenatureza.

entrecruzado de e com outros mundos, cosmopolítico⁸ e macumbado⁹, alinhado ao cultivo de uma paisagem espiritual.

A isto deve se atrelar um refinamento perceptivo que inaugure em nós outros planos de atuação e atenção que se deem, em suma, pela capacidade de ver com o corpo todo, dado que “ver é conseguir sentir as formas” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p.181). Assumir, portanto, uma capacidade movente que faça corpo nascente com as pequenas grandes estripulias praticadas pelas existências (as mínimas, sobretudo) em sua insistência de proliferação de formas, de modos de habitar.

31

Tomemos, neste esteio, a sugestão do caminhar: o retorno físico a uma prática fundamental de baixo impacto/baixo orçamento, antípoda aos impactos destrutivos das atividades antropogênicas. Caminhar como medida de vislumbrar saberes (e de como colocá-los em prática), saberes que aparecem (aparições do cotidiano, ocorrências encantadas) e imagens que congregam visões de mundos dissidentes. Caminhar como modo de compreender, criar e incorporar, as violentas, aceleradas e forçosas transformações por que o planeta passa-sofre. Caminhar pensando e criando em cima da dificuldade ignorada do caminhar, para produzir relações inesperadas (parentescos bizarros), ainda que precárias e claudicantes: aprender a deixar fluir o impulso gravitacional da queda, da qual falava Ailton Krenak, e sua força sobre nós, usar a queda a nosso favor; deixar-se modelar pelo potencial de criação da queda, sempre considerando que “toda criação nasce de uma ruptura em relação a tudo” (COMITÊ INVISÍVEL, 2018, p.53).

O caminhar, portanto, se apresenta como uma ficção menor da queda (opondo-se às ficções espetaculares do apocalipse a que fomos acostumados), é um gesto inventivo do cair, e como tal, está sempre

⁸ Cosmopolítica: política sobrenatural, que relaciona o cosmos (o desconhecido) e expressa a divergência e a convergência entre mundos (STENGERS, 2018).

⁹ A “macumba seria, então, a terra dos poetas do feitiço; os encantadores de corpos e palavras que podem fustigar e atazanar a razão intransigente e propor maneiras plurais de reexistência pela radicalidade do encanto, em meio a doenças geradas pela retidão castradora do mundo como experiência singular de morte”. (RUFINO; ANTONIO SIMAS 2018, p. 05)

desafiando o limite do desequilíbrio (é feito de dependência colaborativas); cair é sempre um horizonte provável. De outro modo, este caminhar é, principalmente, um movimento que se apreende e ganha em espessura ao tomar contato com outras quedas, ou seja, sua ficção é exatamente a de restaurar, refazer e recompor a queda sempre de um ponto em que esta parece não exercer qualquer sentido prático: caminhar para não esquecer que estamos caindo e, por isso, um caminhar que sempre se arroga a possibilidade de tornar-se outra coisa.

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas o horizonte existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. (KRENAK, 2019, p. 32)

32

Isto interroga um processo de fazer a teia a funcionar, de produzir auxílios e entrecruzar-se de novas apreensões sem se deixar acotovelar pelo cúmulo de informações vigentes. Fazê-las vetores de alargamento, laços de urgência que redimensionem as presenças sem com isso rotular modelos de ação. Fazer a queda – caminhar a queda/caminhar na queda – acontece como um caminho inevitável para um estranho aprendizado que vigora existir de outra maneira. Fazer ouvir os rastros e gestos que podem se afirmar enquanto imagens espirituais/espectrais de atos desconhecidos, atos aos quais nos encontramos incapazes de ver, imaginar e formular, mas que sempre estiveram aí.

Com isso, afirmamos uma capacidade de performar este tempo inevitável que se situe para além de pensamentos que não suportam a criação e interditam os possíveis. Propomos o caminhar como prática artística/estética (e também como disciplina e método como caminhos de composição que inventem a possibilidades de performar e produzir parentescos no fim do mundo sem nos deixar ser consumidos por este), como matriz e motriz de encantamento, multiplicidades narrativas e ebulição de ficções que inaugurem imaginações capazes de estabelecer vínculos e alianças.

Uma linguagem entre linguagens afirmadas em corpo caminhante capaz de beber e banhar-se de outras linguagens e que seja traçado e trafegado por ações inúmeras que não paralitem diante do indesejável – que

é também um inevitável – do mundo, deste mundo. Fazemos a virada (a passagem) ancorada no transe (a metamorfose do tempo), o que figurará sempre a partir de incômodos e distúrbios para certo pensamento hegemônico. Intencionamos, assim, a proliferação de abundâncias sem ceder à lógica que imprime a escassez e que performa em nós impossibilidades, deixando restar somente o alívio desigual da carga, reduzir os danos, como se nada mais pudesse ser feito, reprimindo a alegria e a capacidade de fazer fluir a energia vital (o axé), que é a base do encontro, de toda a comunicação. Não se reduzir às reduções e as expulsões submetidas aos espaços de circulação e conexão. Pensemos a caminhada como um fazer atravessado por ritmos que não se deixam amordaçar. Caminhar, desse modo, por entre palavras que só podem ser lidas com o corpo em movimento, em caminhada, em um movimento que nunca diz ou sabe para onde vai. Ir em direção ao fim do mundo, sim, porque é o que pode ser feito, mas sem abdicar de sua potência de presença. Caminhar, desse modo, para endossar a potência de nossas presenças: se o caminho é sem volta, é preciso aprender a fazer o caminho, ir adiante, sem ignorar que este caminho já foi feito muitas vezes e de muitos modos.

Para começar, assentamos nossa oferenda na encruzilhada, este “lugar das incertezas, das veredas e do espanto de se perceber que viver pressupõe o risco das escolhas. Para onde caminhar? A encruzilhada desconforta; esse é o seu fascínio” (ANTÔNIO SIMAS; RUFINO, 2018, p. 24). Firmemos nossos passos sob a veia sinuosa dos encantamentos, caminhando a contragosto dos que impõem o caminho reto.

Caminheemos por entre aquilo que fora esquecido e deixado a esquecer. Um fazer capaz de emanar presenças, qualidades de presenças, qualidades de conexão. Fazer/ser que se transfigura como presente; tornar presente certo movimento em direção ao que ainda não existe. Ato encantamento capaz de desencadear campos de ressonância que se revolvem ao próprio ato de caminhar entrecruzado de outras vidas, vidas em desconhecida relevância.

Essa ficção do caminhar ganha densidade enquanto corpo caminhante na medida em que se entrega a uma zona de descuidos, a rua em sua imensidão de pontos de potência, de momentos em que podemos nos perder. Ficção riscada no revés de ir ao fundo do que se perdeu na condição de não se perder.

Que possamos, neste trato, presentear a vida com uma presença caminhante, um movimento duplo, de materialização de sua presença, mas também de intensificação daquilo que o performer é em direção aquilo que ele ainda não sabe o que pode vir a ser. Nos inspiramos em Exu, nas suas estripulias e ciladas, Exu que é “caminhante, vagabundeia pelo mundo, na importante missão de dotar-se, paradoxalmente, de potentes irrelevâncias” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 23).

4. Ficções do caminhar: “os amigos que desconheço”

Fotografia 1 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”

34



Fonte: Romana Melo, 10 jun. 2018.

Fotografia 2 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”



Fonte: Romana Melo, 10 jun. 2018.

Fotografia 3 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”



36

Fonte: Romana Melo, 19 jul. 2018.

Fotografia 4 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”



37

Fonte: Romana Melo, 19 jul. 2018.

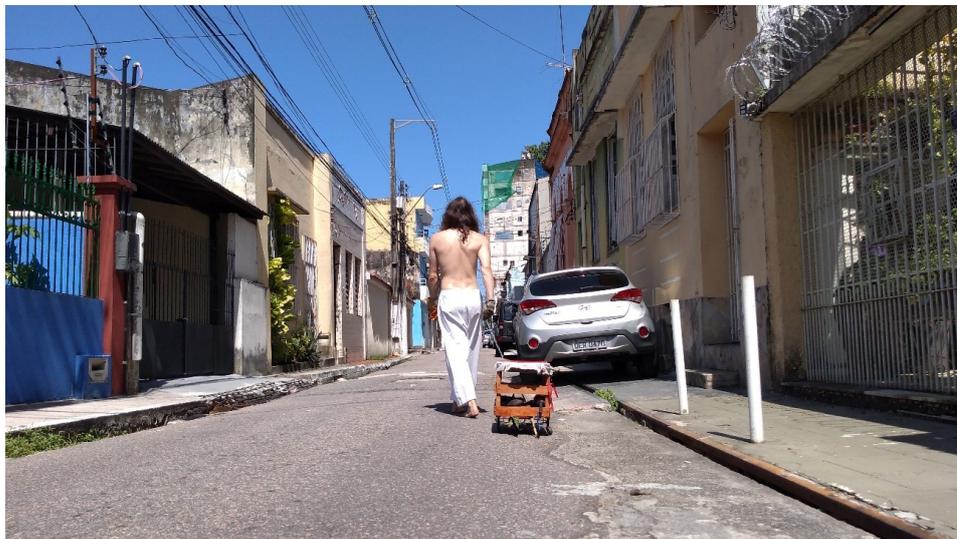
Aos calçados que se interpõem no calço de meu calçado, faço o corpo performance de lhes ouvir, desconheço-os, não sei para onde foram, sei que foram; chamo-os amigos. Conjugo algum ritmo de conexão, conjuro seus pontos, quero zelar para que estejam bem. Sei que se arriscam, muitos irão sucumbir, inevitável, não logro o êxito heroico de lhes salvar. Faço o que estiver ao alcance para lhes prover alguma pele de cuidados por onde possam seguros pisar. Quero lhes garantir, ainda que à distância, um mínimo de hospitalidade, um pouco do pouco que professo. Ao mesmo tempo, reacendo suas práticas como protótipos de enfrentamento sob outras zonas de convergência. Faço a notícia guarida de suas fugas, para longe, para perto, para onde sequer sabem onde. *Percolho* o aprendizado inominável de suas forças de deserção fazendo às vezes de um agente sintético infeccioso; ofereço metástases epistemológicas.

38

Coloco-me em condição de coexistência com estes, acompanho-os em seu caminhar. Não sei se me veem, se sou notado. Deste mundo, no fim do mundo, festejo mundos que se extravasam em canais de criação comunal; não respiram por aparelhos. Não interessa descrevê-los, explicá-los ou contar suas histórias; é a imensidão mitológica do ato cosmológico que conta, o modo singular de vivenciá-los.

Descalçar-se da primazia de um mundo amigo e calçar as possibilidades entrecruzadas de saberes que caminham por um mundo hostil. Aprender a entrever as brechas fomentadas por resiliências ancestrais. Descalçar-se para poder caminhar pelo exemplo de outros mundos, para viabilizar o chão em acessos desconhecidos. Outros mundos para poder combater este mundo e sua miserável vontade de empobrecimento. Fissurar a presença predatória deste que há muito nos assombra, este mundo imperial que se acelera em corroer as linhas de força de qualquer criação.

Fotografia 5 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”



Fonte: Romana Melo, 19 jul. 2018.

39

Absorver-se da interseccionalidade de outras presenças. O humano destituído de um lugar de distinção, de centralidade ou supremacia. A coroação da métrica, a reversão da auto referencialidade e reverência do humano. Presenças que não se manifestam conforme uma perspectiva humana, ou seja, conforme uma visão ou um ponto de vista, daquilo que privilegiaria o humano em detrimento de uma exclusão: tudo aquilo que está dentro sendo mediado pelo aspecto humano. Um dentro que é tomado como uma reserva técnica para garantir a sua impossibilidade.

Interdependência. Relações que vislumbram demandas práticas, que se constituem no cerne de difusões corpóreas. A busca por outras fontes mantenedoras de saber, por experiências do interstício que se desprendem da colonialidade epistemológica. A busca por entre mundos formas não anunciadas e ainda desprovidas de realidades. Fazer da ausência uma potência invisível, a não impossibilidade de localizar sob uma lógica racional, moderna, um fazer viver.

Fotografia 6 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”



Fonte: Romana Melo, 07 out. 2018.

40

Despir os calçados e amotiná-los ao canto da rua, *padê*, perder-se cidade adentro. O ato caminho de primeira instância em que algo é deixado para trás, coisa com a qual não é possível seguir, peso sobressalente, coisa que impossibilita o seguir adiante; deixar e desobedecer. O ato que introduz o brotamento de certa transformação de si. A aceitação primeira, o acolhimento das responsabilidades e disciplinas, nascimento que antecede o batismo. Despir-se dos calçados, neste intervalo, é fazer-se em disposição belicosa, ida sem despedida, compromisso de quem passou para o outro lado; entrar para a casa. Expressão da superfície profunda do sentido prático simbólico de fazer-se abandonar, desertar de determinado ponto deste projeto falido de civilização.

Estes calçados demarcam pontos de fuga. Bem no cúmulo do olho da rua. Sua posição, por vezes acanhada como a aninhar-se, desponta para um risco de síncope, mistura fervorosa e festiva, regada a grossas camadas de invenções turbilhonares. Confiam na confusão de quem lhes ignora, e são muitos: os que nunca lhes viram. Suas presenças interceptam encruzilhadas vadias, nichos de perdição, incorporam jogos e gingas malandras. Apontam suas flechas para o imponderável.

Não são passíveis de localização. Os calçados não lhes deduram, ao contrário, parecem debochar de nossa incompreensão frente a tentativa

enfadonha de circunscrevê-los ou interrogá-los. Não esclarecem muito mais do que aparentam, não forçam imagens para além de seu estado miúdo. Sua fuga, concebida deriva, desenha um caminho oral, sem registro escrito conhecido, compõem em sua condição anônima, histórias miúdas, distraídas, que se fazem e perfazem na costura de esquinas, vielas, travessas, becos, matas.

Um breve momento e deles não se sabe mais. Se livram das digitais da sola no solo. Deixam para trás somente um lapso momento, ínfimo, perecível. Por outro lado, parece se tratar de um ato recorrente, acontecimento de ritmo frequente a considerar o território urbano. Uma comunidade de calçados a rasgar-se de alertas: indícios de um grande acontecimento?

Calçados que permitem que os pés estejam descalços, que se mantenham descalços. Opção deliberada por determinado tipo de movimento: de fortalecimento dos pés, colocar pressão, fazer com trabalhem, que mantenham a estabilidade do corpo, que desde os pés façam funcionar capacidades de sustentar o corpo em pé.

41

O passamento deste ato faz o pensamento emergir. São essas, a priori, suas constantes: pisar no desconhecido terreno hostil visando a amplitude da capacidade de resiliência do corpo. Expor o corpo a uma constante variabilidade de atividades que não se acomodem a um único universo de técnicas. Cuidar o corpo em seu estado de prontidão.

Fotografia 7 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”



42

Fonte: Romana Melo, 07 out. 2018.

Fotografia 8 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”



43

Fonte: Romana Melo, 07 out. 2018.

Corpo exposto, apoteose do risco. O dado mais imediato, não exatamente a cólera da confrontação, ainda que esta exista (e deve existir!), sob outra natureza. Neste primeiro rescaldo o corpo aparece, dado o risco, como um gérmen. Brotamento. Espaço de perfuração. Incisões. Iniciações. O corpo como um jato fluxo imediato. “Acontecência”: equânime substrato de levante. Perscrutador, pronto para o bote. O corpo rastreando o terreno.

Camuflado quase. A performance aparato de camuflagem, as intenções deixadas para depois.

Claro que a batalha se configura dado concreto. Mas aqui não se dá a sua ênfase como um todo. É talvez um ritmo ou a especificidade de um ritmo em constante oscilação. Ritmo mutante, conforme as forças elementares. O corpo como o grave que se tem à mão, sendo também o aparato de precisão da pele do mundo capaz de arrolar-se ao fundo da superfície de rastros deixados pelos que aqui estiveram. Um corpo executando solo um trabalho em equipe. O socorro das vítimas. Não se trata de resgate, porém.

Fotografia 9 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”



Fonte: Romana Melo, 13 out. 2018.

Fotografia 10 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”



Fonte: Romana Melo, 13 out. 2018.

45

Extrema necessidade de imersão. Caminhada cilindro para o mergulho nos subterrâneos de uma vida destrutiva. O corpo consciente da ameaça. Sabidamente, de antemão. Voluntarioso. Não a luta em seu limite de colisão. Não em terreno combativo. Os restos, aquilo que fora esquecido – (deliberadamente?) – não é senão um ato de improviso ou mesmo a “acontecência” em rebuliço. É o primeiro dos corpos a se voluntariar na paisagem destrocada, a se indagar da repressão do clima, a fazer-se neste novo mundo. Não apenas se aproxima, emerge completamente no contra corpo da paisagem. Talvez revestido de algum polo sacrificial. No mais, é um corpo que sabe precaver-se, calejado no rebento de suas ínfimas condições. Munido de aparatos de proteção, não segue só, mesmo solitário. Ele recolhe corpos, ou linhas de corpos que se desprenderam em atos de deserção. Ele as acompanha, seu acolhimento é um traçado gerativo. Este corpo deseja dar vazão a outros corpos. Ele se investe no que fora tornado evidente nos cúmulos simultâneos da catástrofe. De gente que arvora descalça. Cuidar de seus calçados é a prospecção para mantê-los firmes em suas caminhadas e artimanhas de guerrilha. É um feitiço mutante. Os calçados tornam-se outra coisa. Ganham força. Objetos que irradiam uma presença que inspiram outros pés. Através dos calçados este corpo alcança os pés que ali não estão. Permite-lhe entranhar outras vidas, abre-se a novas existências, mínimas que sejam. Cada calçado é um casulo. Um ovo

embrião de uma organização levante. Há, neste corpo, neste estado de corpo, mais do que aquilo que recolhe: acolhe: colhe: olhe. A apreensão de uma vitalidade das superfícies. Manobrar os pés através de capacidades de fortalecimento. Os pés como mapas que se irradiam por todo o corpo. Os pés como pontos mapas de um corpo em ebulição.

Um percurso que investe por entre as catacumbas da cidade. Valas a céu aberto. Corpos entulho, apodrecendo. Fétidos sob o sol da metrópole inalcançável. Toda a indigência incrustada na vida apontada por uma paisagem remota, despudorada, colonizada por forças de violência de confinamento. Jogados aos ratos. As trouxas ensanguentadas de Artur Barrio avolumadas cuspiendo vulcânicas suas entranhas pestilentas. Papocadas, as tripas da vida expostas, a vida desovada de suas condições de perpetuar-se. A cidade em convulsão, as barrigas da cidade a explodirem-se. A América Latina a devorar-se de sua extrema desigualdade, suas terras espoliadas carcomidas de genocídios. Nossa superfície parasita, morta a pauladas de cimento. Fez-se a escolha de um elenco sanguessuga. Os vermes entrincheirados em suas convicções, em sua apoteose de imbecilidades propagadas nos entremeios virtuais. Monturos cobertos de moralidade cívica. Toda a corrosão que corrobora este continente do sul.

46

Fotografia 11 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”



Fonte: Romana Melo, 13 out. 2018.

Fotografia 12 – Artur Dória “Os amigos que desconheço”



Fonte: Romana Melo, 13 out. 2018.

47

A necessidade mercado nefasta de calçados entupidos de amortecedores e palmilhas modeladoras que furtem os calos. Amortecer a dureza “plastisférica” deste chão de tortuosas supressões. Um viveiro de colônias de animais que rogam por nossos rejeitos, por nossa acelerada decomposição, que se alimentam das sombras pestilentas e demenciais com que dejetamos a terra.

É tudo isto que projeta o andar a pé, descalço. Extrema necessidade. Essa aparente preferência nada mais é do que a marca fundamental de nossa situada existência no tempo sem fim do fim do mundo. Pesa nisso todo o desejo de captar forças que a respondam, respostas de composição criativa. De reordenar os espúrios comandos. Instigar microlevantes que catapultem levantantes, numa rede de ascendência criativa. Que faça seus lances a movimentos lentos, em comunhão perpétua. A guerrilha faz seu rebento na cidade acompanhada de seu ARÍETE¹⁰, instrumento mágico. O grande inseto de Kafka, balaio de metamorfoses. Descer, mas não sozinho ou desprovido de precauções. Não uma extensão ou prolongamento do corpo: seu aliado.

¹⁰ Do dicionário Michaelis Online: “Antiga máquina militar com que se derrubavam muralhas, fortalezas ou portas de cidades sitiadas; era feita de madeira pesado, com ponta recoberta por uma peça de ferro com feição de carneiro; áries, carneiro”. Disponível em: <https://bitlybr.com/4JyRN>. Acesso em: 05 jan. 2020.

O corpo produzindo sabotagens. De contornos e ressonâncias míticas. É talvez gesto final atendendo a um chamado antigo, enterrado, ancestral. Pode ouvir as vozes, os murmúrios, gemidos desbaratados de dor. Não sendo capaz de estancá-los, passa a lhes conviver. Ao andar sobre as ruínas, o faz com elegância lisonjeira. Caminha com reverência. Caminhar é seu cântico. A caminhada, sua dança. As demandas da terra embrulham seus pés. Ele agradece.

REFERÊNCIAS

COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos: Crise e insurreição*. São Paulo: N-1 edições,

COMITÊ INVISÍVEL. *Motim e destituição agora*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir?: Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

HARAWAY, Donna. “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationceno, Chthluceno: fazendo parentes”, *Revista ClimaCom*, São Paulo, n.5, ano 03, p.139-146, 2016.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

NATÁLIO, Rita. *Acabar o mundo, torcer o mundo*. São Paulo, 32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva, Oficina de imaginação política, 2016.

MBEMBE, Achille. “A ideia de um mundo sem fronteiras”, *Revista Serrote*, São Paulo, n.31, 2019. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/>. Acesso em: 16 set. 2019.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

RUFINO, Luiz; ANTONIO SIMAS, Luiz. *Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: Resistir a barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STENGERS, Isabelle. “A proposição cosmopolítica”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n.69, p.442-464, abr. 2018.

VALENTIM, Marco Antônio. “Fascismo a política oficial do Antropoceno”. *Revista Humanitas Unisinos On-line*, São Leopoldo, out. 2018. Disponível em: <https://bitlybr.com/89ndC>. Acesso em: 18 nov.2019.

VALENTIN, Marco Antônio. *Filosofia Pop #065 Extramundandidade e Sobrenatureza*, com Marco Antônio Valentim. Locução: Murilo Ferraz, Marcos Carvalho Lopes, Luís Thiago Freire Dantas. 08 abr. 2019. Disponível em: <https://bitlybr.com/TLnH3>. Acesso em: 30 nov.2019.

RESUMO:

Este ensaio parte de um questionamento acerca de uma noção espetacular do “apocalipse” tomando-o como uma ficção de poder que nos paralisa diante de um mundo em vertiginosa queda, e propõe, em contraponto, uma ficção performática do caminhar que possa ser capaz de gerar pequenas ficções, nomeada “os amigos que desconheço”, como um aprendizado artístico/estético para fazer da queda.

Palavras-chave: Ficções; Apocalipse; Caminhar; Performance.

ABSTRACT:

This essay starts from a question about a spectacular notion of “apocalypse”, taking it as a power fiction that paralise us facing a world in vertiginous fall, and propose, in contrast, a performance fiction of walking that might be able to generate small fictions, named “friends who I don’t know”, as an artistic/aesthetic learning to make the fall.

Keywords: Fictions; Apocalypse; Walk; Performance.

Recebido em: 10/02/2020

Aceito em: 27/04/2020